

SALA DE ÁMBAR



*Para admirar esta...
e outras obras.*

Apreciação de leitura

Brasília, DF — maio/2018

*Leio romances, porque por eles conheço
o mundo, o homem, as nações, os povos
e, ainda que ficção, alcanço o real.*

Leitor: Armindo Ferreira

A Sala de Âmbar

Steve Berry

A história movimenta-se em torno da SALA DE ÂMBAR. Âmbar é uma resina fóssil em vários tons próximos da cor do mel. A história conta que Frederico I da Prússia mandou construir uma sala toda de âmbar e que a teria oferecido ao czar da Rússia que a instalou no Palácio de Catarina em São Petersburgo (1755). Com a invasão da Rússia na Segunda Guerra Mundial (1941), os alemães teriam desmontado a sala, levando as placas de âmbar para a Alemanha. A guerra, já quase no fim, com os russos avançando sobre Berlim, os alemães tentaram (agora, ficção) esconder o âmbar em minas escavadas na montanha.

Segundo o enredo, a mina foi descoberta por um magnata que, carregando as placas, montou a sala em seu castelo. Muitas perseguições, explosões, tiros e mortes. Por fim vence um casal de advogados americanos envolvidos na trama, e morrem os vilões!

(BERRY, Steve. *A Sala de Âmbar*. Trad. de Alves Calado, Rio de Janeiro, Record, 2006)

Nada de Novo no Front

Erich M. Remarque

É uma segunda leitura, e retomo o que anotei na primeira (p-d 20, AL III, impr 660): *Romance que tem por palco a Primeira Guerra Mundial em território francês. É um relato cru, na boca de um soldado alemão. Tem-se, assim, uma narração da guerra com uma visão objetiva da tragédia por quem, do lado alemão, participou, viveu, sentiu os horrores das desumanas e ferozes batalhas de trincheiras.*

Obra curiosa, bem construída, suscita a leitura, pois como disse acima, oferece a maneira como se posiciona um soldado alemão perante o conflito, o mais sangrento do século XX.

A narração é feita pelo soldado Paul Bäumer que o leitor pode considerar, sem o risco de estar cometendo uma impropriedade, alter ego do autor, pois este “participou ativamente (...) sendo ferido três vezes, uma delas gravemente” (orelha).

Foi publicada na Alemanha em 1929 e, certamente, não foi bem recebida por políticos e autoridades, pois contrariava o ideal que se queria do soldado alemão. Os soldados de lá como os de cá, não eram, é claro, nas malditas trincheiras, guerreiros, “como os que apareciam nos filmes de propaganda, mas homens maltrapilhos, neuróticos e assustados” (ainda orelha).

O autor, por manifesto pacifismo expresso nas obras, teve que se ausentar da Alemanha durante o nazismo.

O narrador transmite ao leitor, com simpática sinceridade, o absurdo da guerra, irmanando os jovens sem distinção de lado, levados a um matadouro, sem razão humana que justifique tal desatino.

Paul Bäumer: *“A vida é simplesmente uma constante vigília contra as ameaças da morte; fez de nós animais, para dar-nos a arma terrível que é o instinto; embotou nossa sensibilidade, para que não nos aniquilássemos diante do horror que se apoderaria de nós, se tivéssemos o pensamento claro e consciente”*. p. 216

(REMARQUE, Erich M. *Nada de Novo no Front*. Trad. de Helen Rumjanek, São Paulo, Abril Cultural, 1981)

O Primo Pons / A Prima Bete

Dois obras de Balzac, produzidas já no finalzinho de sua vida. Publicadas em 1847, o autor morreu em 1850. Verdadeiras obras-primas, apareceram em *A comédia humana* sob o título de *Os parentes pobres*.

Esclareça-se que são obras distintas, o parentesco se dá com outros personagens dentro de cada narrativa.

Os dois personagens, protagonistas (cada qual em sua obra), apresentam-se, em termos ficcionais, como construções ímpares, admiravelmente caracterizadas, porém, com caracteres diametralmente opostos.

O primo Pons era um velho músico, apreciador de bons pratos e possuidor de uma grande coleção de quadros e objetos de arte, reunidos durante mais de quarenta anos.

A prima Bete, *Lisbete Fisher*, era uma espécie de patinho-feio no seio de uma família de barões, mas esperta e ardilosa.

Em termos gerais, diga-se que Pons personifica o bem; Bete o mal. Ele é aquele indivíduo que não tem em si armas para enfrentar o mundo, e por este é engolido; ela tem-nas afiadas e, portanto, não se deixa engolir. São antítese um do outro. O primeiro perde e é vencido; a segunda ganha e vence (ainda que, por fim, ganhe um prêmio que não estava previsto).

Pons, alma simples, ingênuo, bom, servil, submisso, indefeso, sensível ao belo;

Bete, alma em conflito, esperta, invejosa, rancorosa, solerte, velhaca, astuciosa, fingida, falsa, dissimulada.

Assim o realismo de Balzac: caracterização humana e objetiva, fazendo dos personagens figuras facilmente identificáveis em todos os mundos e em todos os tempos.

(BALZAC, Honoré de. *O Primo Pons*. Trad. de Fernando Py, Rio de Janeiro, Ediouro, 1997)

(IDEM . *A Prima Bete*. Trad. de Celina Luz, Rio de Janeiro, Ediouro, 1993)

A Pele

Curzio Malaparte

Éis uma obra que se lê de maneira apaixonada. Reafirma o sentido de humanidade, colocando no ponto mais alto os valores do Homem. Privilegia mais o humano do que o divino – Deus? Não! Ao homem cabe a necessidade de muito, a Deus não cabe a necessidade de nada. Deus sequer tem necessidade.

É uma obra que se lê com o peso de, a cada momento, pedir perdão a si mesmo. Pedir perdão à condição de ser-se humano. A narração expressa, por vezes, uma acidez mais que visceral, uma acidez da alma.

Trata da libertação de Nápoles (Segunda Guerra Mundial) pelos Aliados. O autor na condição de oficial de ligação junto ao Exército Americano acompanha o desenrolar da operação e, observando o sofrimento das populações em razão da operação militar, sente na pele a humilhação dos vencidos, daí o acerbo irônico, chegando até a um certo sofrimento masoquista.

“Não gosto de ver até que ponto o homem pode tornar-se vil para viver. Preferia a guerra a essa ‘peste’ que depois da liberdade nos deixara a todos emporcalhados,

corrompidos, humilhados”. O narrador, na voz do autor, sente o desespero pelo humilhante comportamento das populações diante das tropas “libertadoras”. Têm fome, então abandonam a garra, submetem-se, humilham-se, vendem-se. Que mais buscam senão defender a própria pele!

Curzio Malaparte, pseudônimo de Kurt Erich Suckert (1898 – 1957) “é uma das maiores glórias da literatura italiana e um dos escritores contemporâneos que mais longe souberam alargar as fronteiras da humanidade” (orelha).

(MALAPARTE, Curzio. *A Pele*. Trad. de Alexandre O’Neill, Lisboa, Livros do Brasil, s/d)

Memórias de Adriano

Marguerite Yourcenar

É uma obra excepcionalmente bem estruturada e bem escrita que oferece uma leitura agradável.

Sendo narrada em primeira pessoa, recria a figura do imperador numa perspectiva confiável. Sucedeu a Trajano, ambos procedentes da Ibéria, colocados entre os bons imperadores.

Adriano aparece na obra como quase um filósofo. Admirador da cultura grega amava a beleza, em especial na arquitetura e na escultura. Também a beleza expressa no corpo humano. Ficou famoso o favorito Antínoo, que se suicidou aos vinte anos para que sua beleza não fosse maculada com o passar do tempo. Morto, o Imperador imortalizou-o em numerosas estátuas.

Para comprovar o “quase filósofo”, dito acima, a autora dá-lhe voz:

“Duvido de que toda a filosofia do mundo seja capaz de suprimir a escravidão: no máximo mudar-lhe-ão o nome” p. 121.

“Uma parte dos nossos males provém de que muitos homens são excessivamente ricos, outros desesperadamente pobres” p. 123.

“Nem aos impérios nem aos homens será dado tempo necessário para que aprendam à custa de seus próprios erros” p. 240.

(é verdade, aqui e alhures!)

(YOURCENAR, Marguerite. *Memórias de Adriano*. Trad. de Martha Calderaro, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980)

Coração de Tinta

Cornelia Funke

Obra que tem por figura central o livro.

Desenvolve o tema que expressa o seguinte: Uma boa leitura materializa os personagens. Isto é, os personagens saem das páginas do livro, corporificam-se, vivem conosco, ou vivem em nós.

A obra traz-nos à lembrança significativa experiência de uma leitura feita ainda na adolescência. Era um romance publicado em fascículos, cujo ambiente se passava na Rússia revolucionária de Lenin. O título, se bem me lembro, *A Princesa Aurora*. Romance melodramático apresentando, além da titular, vários outros protagonistas, e um deles era o príncipe Pedro.

Foi esta segunda figura, a do príncipe Pedro, que saiu das páginas do livro, se corporificou, vivia ao meu lado e, talvez, até conversasse com ele. Era, na obra, figura tão marcante, que ao final da leitura refiz-lhe o itinerário.

Passada uma boa penca de anos, encontrei esse escrito. Com que sabor refiz a leitura! Desapareceu. Ao furtarem-me livros de um baú que guardara num depósito, o manuscrito foi junto. Que pena, era bem a ilustração do *Coração de Tinta!*

Obras têm surgido em que o livro é parte da trama. Nem todas teriam chegado a uma boa realização. Cito, por exemplo, *As Memórias do Livro*, de Geraldine Brooks (2008). Obra de leitura difícil, complexa, confusa. Outras de melhor realização: *Meu nome é Vermelho*, de Orhan Pamuk; *A Sombra do Vento*, de Carlos Ruiz Zafón; *O Enigma do Quatro*, de Ian Caldwell & Dustin Thomason.

Destaco como excelente realização *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco.

(FUNKE, Cornelia. *Coração de Tinta*. Trad. de Sonali Bertuol, São Paulo, Companhia das Letras, 2006)

O Retorno dos Cátaros

Jorge Molist

A história transcorre nos Estados Unidos, em Los Angeles, tendo por palco uma multinacional: a Davis Communications Corporation, *holding* de comunicações mais poderosa do país.

Resume-se na luta pelo poder dentro de uma grande corporação. Nessa luta entram dois grupos secretos: os cátaros e os Guardiões do Templo.

Os cátaros habitaram a Occitânia, sul da França, região da Langue d'oc. Considerados hereges pelo papa Inocêncio III, foi organizada uma cruzada que moveu guerra tão feroz que exterminou o povo numa carnificina que ficou na história.

Na invasão de um templo onde se refugiaram mulheres, velhos e crianças “um cavaleiro francês se dirigiu ao abade Alméric para lhe perguntar como distinguir os hereges daqueles que não o eram. A resposta do enviado do papa passou para a história: ‘Não vos preocupeis se não podeis distinguir os bons católicos dos hereges. Matai-os a todos. Deus, sim, saberá reconhecer os seus’ (p. 219).

Os cátaros eram contrários à riqueza ostensiva do papado e propunham a volta aos princípios da igreja primitiva. Acreditavam, entre outras coisas, na reencarnação. Assim, nos Estados Unidos do século XXI, aparecem os cátaros, numa espécie de transmigração do século XIII: Jaime Berenguer (Pedro II, rei de Aragão), Karen (Corba, amante de D. Pedro), Ricardo (Hug de Mataplana, guerreiro), Dubois (Ramon VI, conde de Tolosa). Lauro (Miguel de Luisián, alferes real).

Os personagens se reconhecem naquelas figuras por meio da memória genética. “... amor, poder, sedução, paixão e morte tecem uma trama em que o controle da Corporação é a finalidade última: cátaros e Guardiões do Templo preparam uma última batalha de final imprevisível” (orelha).

(MOLIST, Jorge. *O Retorno dos Cátaros*. Trad. de Lea P. Zylberlicht, São Paulo, Edit. Planeta, 2006).

Os Catadores de Conchas

Rosamunde Pilcher

Obra de deliciosa leitura, a 13ª da autora e, segundo a crítica, a melhor.

“Os catadores de conchas” é o nome de um quadro do pintor vitoriano Lawrence Stern, amorosamente mantido na parede por Penélope, filha do pintor.

É a história de Penélope e, ainda que leve o leitor à ilha de Ítaca*, de outra era e de outro universo, sua história nada tem de épico. A história da personagem é plana, sem lances dramáticos, mulher de planície, simples, comum, como milhares de outras do nosso tempo. Tem-se de sua vida o percurso a partir da Segunda Guerra Mundial, universo, afinal, comum à autora, à personagem e a muitos de seus leitores.

Personagem de sua época, corajosa, ativa, determinada, generosa, enfrenta a vida, solitária de afetos, a governar a casa e a família, com seus acertos e desacertos.

Curiosa a construção do romance. Tendo por título um quadro de pintura, desenvolve a história por telas: 16 telas. Cada uma tem por foco uma personagem do mundo de Penélope, mas todas contribuem para uma tela maior, a dela própria.

* Referência à epopeia de Homero: Penélope, a mulher de Ulisses, fiel, determinada, que para conter impacientes pretendentes, na suposição de que o marido não voltaria mais, tecia um tapete na condição de, terminado, aceitar casamento. Porém, o que tecia de dia desmanchava de noite.

(PILCHER, Rosamunde. *Os Catadores de Conchas*. Trad. de Luísa Ibañez, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002)

A Montanha e o Rio

Da Chen

Obra de leitura perturbadora. A leitura estimula dois sentidos contraditórios: o avanço e a parada. Avançar porque é instigante; parar porque é preciso degustar e refletir.

A obra procura desenhar um quadro econômico, social e político da China de final do século XX.

A arquitetura é simples: dois narradores, dois itinerários.

Elementos básicos da narração:

Ponto de vista: 1ª pessoa;

Protagonistas: Shento e Tan

Coadjuvante: Sumi

Outros: Ding Long (general), Hua Xia (comandante-em-chefe do Exército, da Marinha e da Aeronáutica), Mao e Heng Tu (presidentes).

A narração começa por Shento (1º cap.), seguido por Tan (2º cap.). Conta cada um a sua história a partir do nascimento. Ora um, ora outro, alternadamente, vão construindo os itinerários inesperados e surpreendentes. Essa alternância estende-se por toda a obra, interrompida por capítulos em que Sumi se expõe, através de cartas ou falando de si mesma. Ainda dois outros capítulos (54 e 59) fazem interrupção, os únicos em que o autor introduz um narrador na 3ª pessoa.

Em determinada altura da narrativa, Tan e Shento sofrem em suas vidas estranha reviravolta. Tan a partir do capítulo 16, Shento a partir do 27:

Tan, o menino mimado, nascido dentro do sistema (regime político), acostumado ao conforto e ao luxo e a ser obedecido, vê-se expulso do círculo de poder, apanhado em armadilha política, colocando a família em desgraça e no ostracismo.

Shento, o zé-ninguém, perseguido, condenado, é levado para dentro do sistema e entra nas esferas do governo. Segue-se vertiginosa ascensão, chegando ao poderoso cargo de coronel que, na sombra do presidente Heng Tu, manda e desmanda, mantendo, como árbitro supremo, o *status quo* político.

Tan e Shento são irmãos, filhos do general Ding Long: filho legítimo, o primeiro; ilegítimo, o segundo. “Separados pela distância e pelas condições de vida, Tan e Shento são dois estranhos, que crescem ignorando a existência um do outro” (orelha). Tornam-se inimigos: “Numa trama repleta de conspiração, mistério e paixão, Tan e Shento se tornam inimigos ferozes tanto no campo político quanto no pessoal, pois, por um capricho do destino, se apaixonam pela mesma mulher, o que contribui para acirrar ainda mais o ódio que sentem um pelo outro” (idem)

No capítulo 40, Shento reencontra Sumi e sabe que seu rival é o outro filho de Ding Long. No capítulo 41 é a vez de Tan saber que seu pior inimigo é seu meio-irmão, Shento.

O conflito concentra-se nestes dois personagens, protagonistas cada qual de seu próprio itinerário, tendo por vilão o sistema político. Curiosamente o que estava fora do sistema (Shento) torna-se seu mais ferrenho e retrógado defensor; o que estava dentro (Tan), beneficiando-se das benesses do regime, torna-se seu mais denodado demolidor, buscando abertura econômica e política.

A obra transmite algumas lições, que, sendo bem conhecidas, ainda surpreendem:

- a) Em regimes totalitários, os desmandos, as arbitrariedades ocorrem com facilidade no segundo escalão, porque sob o escudo do ditador.
- b) Em tais regimes, inexistem escrúpulos, não há freio que contenha ações cruéis e desumanas, porque os atores colocam-se acima de leis, agem segundo interesses arbitrários;
- c) Esses regimes totalitários prolongam-se em sociedades que se veem às voltas com necessidades básicas, não sobrando tempo para cultura e educação;
- d) Os golpes de Estado são uma ameaça constante.

(CHEN, Da. *A Montanha e o Rio*. Trad. de Paulo Andrade Lemos, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2007)

